

.O DIÁRIO DE LEITURAS NA SALA DE AULA: UM INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA

Débora Natali da Cruz Silva

Orientadora: Amara Cristina de Barros e Silva Botelho

Universidade de Pernambuco – UPE (profletras.upe.matanorte@gmail.com)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como o gênero diário de leituras pode ser abordado com o objetivo de contribuir para a formação do leitor de literatura na sala de aula. Sendo um gênero cujo uso didático é ainda pouco estudado, constitui-se numa ferramenta bastante útil para o desenvolvimento da leitura dos estudantes, pois, à medida que se vai lendo, o leitor vai registrando suas impressões, dúvidas, opiniões em seus diários face ao texto lido. Dessa maneira, a produção do diário promove um verdadeiro diálogo entre o leitor e o autor do texto. No que se refere à leitura e fruição de textos literários, a produção diarista pode servir para que o estudante exponha suas interpretações, suas emoções, suas experiências de vida e tudo mais que o texto literário desperta nele. Através da mediação do professor, tais registros podem ser compartilhados na sala de aula, promovendo uma troca de aprendizados e, sobretudo, de experiências e desenvolvendo o hábito da leitura literária entre os estudantes. Teoricamente esta pesquisa foi embasada nos estudos Colomer (2007), Cosson (2014), Lajolo(2000) Machado(1998) entre outros.

Palavras-chave: Leitura literária, formação de leitores, diário de leituras.

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado tem por objetivo discutir de que forma o gênero diário de leituras, enquanto ferramenta didática, pode contribuir para o processo de formação de leitores de literatura no ensino fundamental.

Levando-se em consideração que o trabalho com o texto literário nesta etapa da educação básica ainda encontra-se muito deficiente por várias razões, dentre elas o utilitarismo com que o texto literário é trabalhado nas aulas, esta pesquisa busca analisar como o diário pode contribuir com a formação de leitores de literatura através do registro das interpretações pessoais, impressões e experiências nos diários e sua posterior socialização entre os estudantes e professor. Promovendo assim o compartilhamento de sentidos entre os leitores, característico do letramento literário que é realizado na escola.

Inicialmente abordaremos a formação do leitor de literatura na escola e alguns de seus aspectos; em seguida, o diário de leituras enquanto ferramenta didática e um pouco de sua história e, por fim, em que e como o diário de leituras pode ser aproveitado como um recurso a mais para colaborar com o processo de formação do leitor de literatura.

A FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA NA ESCOLA

Sendo um dos grandes objetivos da formação básica de um indivíduo, preparar e estimular os estudantes para que sejam leitores continua sendo um desafio para a escola. Não são poucos os resultados que revelam o baixo desempenho dos estudantes no que se refere à leitura e compreensão de textos, decorrentes da ausência do hábito de leitura dos mesmos.

De maneira geral, quando se fala que um indivíduo é um leitor, pressupõe-se que seja de literatura. Aquele cidadão que, tendo conquistado a habilidade de ler, escolhe espontaneamente e de forma assídua, ler obras literárias. Pressupõe-se um leitor maduro que não apenas decodifica palavras e textos, mas constrói sua própria interpretação da obra, a partir de suas experiências e conhecimentos acerca do fazer literário que adquiriu na escola.

Magda Soares em seu texto *Ler, verbo transitivo* (2002), aponta que a ação de ler exige um complemento. Dependendo dos objetivos e do próprio objeto, uma leitura pode ter uma função completamente diferente de outra. Segundo a autora “Ler, verbo transitivo, é um processo complexo e multifacetado: depende da natureza, do tipo, do gênero daquilo que se lê, e depende do objetivo que se tem ao ler” (SOARES, 2002, p. 30-31).

É função da escola oferecer um amplo e variado acesso ao mundo dos textos: informativos, instrucionais, literários, verbais, não verbais etc; e, sobretudo, ensinar a estes estudantes com ler tais textos. Os objetivos, as motivações para cada leitura são diferentes e esta distinção precisa estar clara para os estudantes.

A propósito da variedade de textos aos quais os estudantes precisam ter acesso na escola, destaca-se a importância da leitura de textos literários. Considerada um dos pilares na formação do indivíduo já na Grécia antiga, através das apresentações públicas de tragédias, poesias e epopeias; a literatura precisa continuar sendo primordial na formação leitora, intelectual e pessoal de um ser humano. Candido, em seu ensaio *O direito à literatura*, afirma que esta [...] “é uma necessidade universal e que negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CANDIDO, 2011, p.188).

Nesse contexto, a instituição escolar surge como um meio através do qual os estudantes terão contato com a literatura, caracterizando o processo do letramento literário. A literatura no ambiente escolar, além de motivar o apreço pela leitura e provocar prazer estético, torna-se também um *lócus* de conhecimento, ou seja, uma fonte viva de aprendizados sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre a sociedade na qual vivemos. E para muitos estudantes brasileiros, oriundos de classes

baixas e socialmente desprestigiadas, a escola pode ser a única ponte de acesso ao mundo dos livros e da literatura.

Portanto, é necessária a adequada escolarização da literatura, uma vez que o objetivo desta não é exatamente o de educar, mas pode e deve ser trabalhada para contribuir para este processo. É preciso que ela esteja sempre presente nas salas de aula, mas sem que lhe seja tirada a sua essência, sua natureza. Antes de se tornarem temas de provas, exercícios e trabalhos, as obras literárias precisam ser uma experiência única na vida dos estudantes.

Da maneira como muitas vezes é apresentada aos estudantes, ler torna-se uma tarefa cansativa, desnecessária e sem resultados, acabando por gerar aversão ao invés de despertar prazer e curiosidade. Ao ser tratado em muitas situações como “objeto de adoração” e de cobranças na aula, gera uma quebra de expectativas nos adolescentes. É o que afirma Lajolo, quando critica a maneira como a leitura literária é conduzida na escola:

[...] o texto literário, objeto de zelo e do culto, razão de ser do templo, é objeto de um nem sempre discreto, mas sempre incômodo, desinteresse e enfado dos fiéis [...] Talvez venha desse desencontro de expectativas que a linguagem pela qual se costuma falar do ensino de literatura destile o amargor e o desencanto de prestação de contas, deveres, tarefas e obrigações [...]. (LAJOLO,2000, p.12)

O contato pessoal com a obra não deve ser substituído por cobranças posteriores. As avaliações, os trabalhos, as famosas “fichas de leitura” podem até estarem presentes nas aulas, mas não sem antes o indivíduo ter lido, apreciado e construído suas próprias interpretações.

Ao introduzir a literatura na sala de aula, a escola está realizando o processo de letramento literário que, segundo Cosson e Paulino (2009) “é o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Como processo, implica afirmar que é uma ação contínua, onde assiduamente serão proporcionadas situações de leitura literária, discussões e interpretações. E enquanto apropriação, o leitor interpreta determinada obra atribuindo sentidos a mesma de acordo sua visão pessoal, sua visão de mundo. Cada leitor constrói sua própria interpretação, sua própria compreensão, pois nenhuma leitura é igual à outra.

Mais do que ensinar sobre literatura, o processo do letramento também visa ensinar como ler literatura. O objetivo é que os estudantes leiam através de situações motivadoras e dinâmicas, individualmente e coletivamente. Os conhecimentos teóricos devem estar presentes, sem dúvida, mas sem se sobrepor à experiência real com o texto literário. Os parâmetros curriculares para a educação básica de Pernambuco, reconhecem isso ao tratar em eixo específico o letramento literário. Segundo o documento

O trabalho com texto literário deve possibilitar que os adolescentes descubram o valor da literatura como produto cultural e estético e, para isso, as práticas de

letramento literário devem estar voltadas centralmente para a leitura de textos e não para estudos teóricos. (PERNAMBUCO, 2012, P.93)

O papel dos conhecimentos teóricos é o de justamente servir de base para uma melhor interpretação dos textos. O ensino das figuras de linguagem, por exemplo; dos conceitos dos elementos da narrativa, tais como o narrador, o personagem e o enredo e da historiografia literária (no caso do ensino médio), são instrumentos para que os aprendizes realizem leituras significativas e aprofundadas de certa obra literária.

Por fim, qualquer situação em sala de aula que procure contribuir para a formação do leitor de literatura não deve perder de vista o elemento essencial de todo o processo: a experiência da leitura literária. Sem o qual, todas as propostas de leitura voltadas para este fim, produzirão poucos resultados gerando cada vez mais distanciamento entre o estudante e a literatura.

O DIÁRIO DE LEITURAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O diário de leituras é ainda um gênero cuja abordagem em sala de aula é pouco analisada, porém é um instrumento extremamente produtivo para o desenvolvimento da competência leitora de um indivíduo. Vejamos um pouco de sua trajetória histórica.

Geralmente, o diário de leituras é concebido como um subtipo, uma variação do diário íntimo, no entanto, a produção diarista passou por grandes transformações ao longo dos séculos, mudando seus objetivos e contextos de produção. Buzzo (2010) traça um percurso histórico da escrita diarista, apontando alguns tipos de diários que foram utilizados em várias épocas e lugares. Segundo a autora, não se sabe ao certo quando a produção diarista surgiu, mas conhece-se que a palavra diário é oriunda do latim *diarium*, que significa *dia* ou *diário*.

A partir de fontes diversas, a autora aborda vários tipos de diários, cuja essência é a escrita de si mesmo, como o *commonplace book*, onde se registravam conhecimentos e experiências adquiridas. Era utilizado por pessoas cultas, estudantes e escritores. Há a menção também da autobiografia e da biografia, função a qual coube ao diário no século XVIII, em que mulheres registravam a sua própria história, de seus antepassados, de sua comunidade e fatos relevantes na época, como aponta a autora.

No século XIX, ganha destaque o diário íntimo, que procurava explorar o “eu interior” e a reflexão, motivado por mudanças sociais e culturais, geradas pelo movimento do Romantismo. Uma das características do movimento é justamente a introspecção, a análise de sentimentos e emoções pessoais pelo próprio indivíduo.

Na época atual, o diário continua sendo um meio de se registrar as próprias emoções, segredos e dúvidas, no entanto esta prática tem adquirido um caráter público, onde se procura expor cada vez mais de si mesmo. Há também os *blogs*, que podem servir a variados fins, dentre eles o de expressar uma opinião sobre um fato, sobre um filme ou sobre uma obra artística em geral, tecer comentários críticos sobre o atual cenário político e social do país, entre outras possibilidades. O que se percebe em tais produções é a necessidade de registrar não mais para si mesmo (como acontece nos diários íntimos), mas para o outro.

Ao apontar as características mais gerais, Machado (1998) destaca que a produção diarista, por não ser um gênero da vida pública, apresenta menos restrições para sua produção, pois, à princípio escreve-se para si mesmo. Tal liberdade é provocada justamente por não haver um destinatário específico e concreto, cujo produtor do texto tem em mente no momento da produção. Além disso o produtor do diário pode assumir, segundo a autora

[...] uma ou outra imagem de enunciador – ou de posições de sujeito – dentre as múltiplas que ele desempenha no cotidiano. Em outras palavras, no diário, pode-se assumir a posição de mãe, de amante, de professora, de pesquisadora, ou combinar essas posições e inventar outras.

No que se refere à sua função primordial, o diário de leituras serve para que o leitor exponha sua compreensão e suas ideias à medida que lê determinado texto, dialogando com o autor, como se estivesse tendo uma conversa real com ele (MACHADO, 2005). Concomitantemente à leitura, o leitor vai fazendo registro de dúvidas, questionamentos e de sua própria visão do objeto de leitura em si. Sendo uma “conversa” com o autor do texto, o produtor realiza as mais variadas operações com a linguagem, como avaliar, concordar e discordar de alguma ideia, expressar reações face ao que é dito, relacionar a leitura com suas experiências de vida e com outras experiências de leitura entre outras atividades. O leitor, ao produzir o diário, estará construindo sua própria interpretação do texto, tomando por base seu conhecimento de mundo e sua experiência de leitura de outros textos.

Contudo, não estamos afirmando que o leitor é quem “dita” os sentidos ou que ele vislumbra em determinado texto o que ele bem quer, mas que o sentido de um determinado não está apenas no texto nem apenas no leitor, mas justamente na interação deste com o texto. Os sentidos do texto não são fornecidos pelo autor, mas são construídos pelo leitor com base em seus conhecimentos de mundo e experiências (KOCH e ELIAS, 2015). Por isso, a leitura de um indivíduo pode ser diferente da de outro indivíduo, pois as experiências de vida e de leituras podem e são, de fato, diferentes.

Sendo uma prática muito antiga, a produção diarista em si foi e ainda é muito comum entre estudiosos, filósofos e escritores, como uma forma de amadurecer suas ideias, conhecer a si mesmo, exercitar a escrita e até mesmo servir de base para produções futuras. Nas pesquisas científicas, ele também é amplamente utilizado por promover uma reflexão crítica a respeito do processo de condução científica de um trabalho, levando o pesquisador a fazer uma autoanálise de sua produção.

De acordo com Machado (1998), o diário de leituras enquanto instrumento didático ainda é pouco teorizado tanto por estudiosos estrangeiros quanto por brasileiros. Tanto é pouco teorizado como é pouco divulgado entre os professores sobre seus benefícios para o desenvolvimento da leitura, da reflexão, da escrita e do autoconhecimento.

No âmbito educacional, o diário de leituras apresenta vários benefícios, dentre elas Machado (2007) destaca a chance de se conhecer mais a fundo as dificuldades de cada estudante, podendo ajudá-los de forma mais direta e específica; a oportunidade de desenvolver nos mesmos a autonomia nos estudos para que aprendam a ser responsáveis pela construção do seu aprendizado e o desenvolvimento da criticidade, podendo gerar discussões em sala de aula.

Concluindo, o diário de leituras pode levar ao desenvolvimento da competência leitora dos estudantes desenvolvendo sua criticidade e levando-os a uma profunda reflexão sobre seu próprio processo de leitura, além disso, poderá servir de base para uma discussão de ideias muito produtiva em sala de aula.

O DIÁRIO DE LEITURAS: UMA FERRAMENTA PARA CONTRIBUIR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA

Pela via da escola, o letramento literário pode ocorrer sob diversas maneiras, não existindo “receitas prontas” e “mágicas” para colocar o estudante diante do texto literário. No entanto, como já discutido inicialmente, é imprescindível o contato deste com a obra, sem o qual dificilmente poderá ser realizada uma atividade produtiva em sala ou fora dela.

Enquanto produção escrita, a produção diarista estará desenvolvendo tal modalidade da língua nos estudantes, onde terão a oportunidade de argumentar, descrever, relatar, prestar atenção às exigências do gênero e a organização do texto escrito, planejar o que se vai escrever etc. Várias habilidades irão ser ensinadas e exercitadas continuamente no decorrer da produção.

Para a formação do leitor de literatura, a produção diarista pode servir como uma ferramenta para que o estudante expresse sua interpretação pessoal do texto literário lido, apontando também

suas primeiras impressões após a motivação para a leitura. Partindo da concepção de que cada indivíduo constrói sua própria interpretação, sentidos diferentes para o mesmo texto poderão ser construídos numa sala de aula, gerando uma discussão muito produtiva entre alunos e professor.

Cosson (2014) ressalta a importância do registro das interpretações no processo do letramento literário. Para ele, dentro de tal processo, a interpretação pode ser pensada em dois momentos: o interior e o exterior. O interior se daria através do encontro individual do leitor com a obra, que constitui a essência da experiência literária; já o segundo momento seria a externalização da leitura. Geralmente, na escola, esse momento se dá através da realização da prática do júri simulado, da produção de resenhas, realização de feiras culturais, entre outras atividades. O importante é que a atividade tenha o caráter de registro da leitura, conforma aponta o autor.

Além de ser um meio em que se possa externalizar a interpretação própria da obra literária, os estudantes podem registrar as reações de natureza afetiva durante ou após a leitura do texto. Podem expressar se sentiram tédio, empolgação, alegria, tristeza, etc e até mesmo registrar julgamentos de valor sobre o mesmo. Machado (2005) aponta exemplos, por meio de trechos de diários, em que aparecem tais registros, mostrando que o diário também pode ter essa função, além de ter a função de “testemunha de leituras e de reflexões que as leituras produzem” (MACHADO, 2005,p. 33)

Expressar julgamentos de valor sobre uma obra literária pode ser uma prática construtiva na sala de aula desde que não seja reduzida a perguntar simplesmente se o aluno “gostou” ou “não gostou” da obra. Os estudantes podem ser estimulados a opinar sobre o texto em seus diários baseando-se em argumentos consistentes, como resultado de uma leitura aprofundada e minuciosa que o mesmo tenha feito. Daí a importância de um trabalho sólido com o texto literário em sala, para que os estudantes estejam em condições de realizar tal atividade.

Os estudantes também podem ser encorajados a fazer relação entre a obra literária e suas experiências de vida e de leitura, registrando se já vivenciaram alguma situação igual ou semelhante como retratada na obra, ou até mesmo se já leram outros textos que retratam situação semelhante. É fundamental que a cada nova leitura, o estudante-leitor inter-relacione com outras leituras já realizadas, ampliando seu repertório literário e cultural.

A produção dos diários também pode servir de base para o momento da socialização de interpretações em que cada estudante poderá expor oralmente suas considerações a cerca da obra apontando os sentidos que ele construiu durante e após a leitura. O momento do compartilhamento entre os leitores é imprescindível para o letramento literário que é realizado pela escola, pois

permite que os estudantes tenham acesso a outras leituras possíveis do mesmo texto através dos seus colegas. De acordo com Colomer (2007, p.143)

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Através da socialização de experiências e interpretações, os estudantes terão a oportunidade de amadurecer enquanto leitores, experimentando a literatura em seu aspecto socializador, como aponta a autora.

O DIÁRIO DE LEITURAS: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

Diante dos pressupostos até já discutidos, descreveremos uma proposta didática de caráter interventivo com o diário de leituras em oficinas de leitura literária. O público-alvo para o qual esta oficina foi planejada é uma turma do 9º ano do ensino fundamental.¹

A oficina de leitura literária a ser realizada com tais estudantes está estruturada em forma de uma sequência didática. Cosson (2014) propõe o uso de sequências didáticas para o trabalho com o texto literário em sala de aula: a sequência didática básica e a expandida. Para uma abordagem mais detalhada do texto, selecionamos a sequência expandida, pois a mesma dá a oportunidade de os estudantes analisarem a obra sob variadas perspectivas e com mais profundidade.

O gênero literário selecionado foi o conto, por ser uma narrativa condensada e poder ser lido dentro do curto período de tempo em sala. Levando-se em consideração o perfil dos estudantes, sua faixa etária, sua realidade social e suas preferências de leitura, selecionamos o conto *Inácio da Diná* de Rafael Rocha Neto, para ser objeto de leitura e análise em tal oficina.

É importante mencionar que os estudantes já terão o conhecimento necessário a respeito do gênero diário de leituras, uma vez que o produzirão em determinados momentos da oficina. É necessário que os estudantes já conheçam e até mesmo já utilizem tal ferramenta estando atentos às suas características de produção, deixando claro que posteriormente compartilharão o que registraram com todos os colegas.

¹ Esta proposta de intervenção será aplicada em uma escola da rede municipal do Recife - PE e os diários de leitura produzidos pelos estudantes serão objetos de análise em minha dissertação de mestrado.

Inicialmente, para despertar o interesse e a atenção dos estudantes, serão questionados sobre o título do conto, sobre o que acham que o conto a ser lido vai abordar. Em seguida, serão apresentadas imagens do rio Capibaribe e de comunidades que vivem às margens deste, fazendo uma breve discussão sobre as condições de vida destas pessoas. Espera-se que os estudantes tenham o que comentar tendo em vista que tal realidade é próxima a muitos deles. Em seguida, será lido um breve texto sobre o autor do conto e suas principais obras.

Para este primeiro contato, solicitamos que os estudantes leiam individualmente o conto e em seguida, façam o primeiro registro em seus diários de leitura de acordo com as seguintes orientações:

- Registre tudo que você achou interessante no conto, tanto em relação à forma quanto em relação ao conteúdo. Fique à vontade para registrar o que chamou mais sua atenção.
- Que sentimentos e impressões este conto despertou em você? Registre suas reações à esta leitura e dê exemplos de passagens do conto que despertaram algo em você.

O objetivo é que expressem suas primeiras impressões nesta primeira leitura para, depois, realizarem o segundo registro a partir de análises mais elaboradas.

Como trata-se da sequência básica expandida, selecionamos apenas duas contextualizações para realizar em sala: a poética e a presentificadora. Na primeira, serão analisadas as peculiaridades estilísticas do conto, tais como sua linguagem figurada, recursos poéticos como a repetição, figuras de linguagem entre outros. Já na presentificadora, será observada a relação entre a realidade abordada no conto e a realidade nos dias atuais. Nestes momentos, os estudantes trabalharão em grupos discutindo estas questões sob orientação do professor. E após as discussões em grupos, trarão para o grande grupo as conclusões a que chegaram.

Em seguida, farão um novo registro em seus diários de acordo com as seguintes orientações:

- Tendo realizado esta leitura mais aprofundada do conto, registre em seu diário sua compreensão global do conto.
- Relacione a história com suas experiências de vida e também com outras experiências de leitura, caso você as tenha.

Após tais registros, haverá o momento da socialização dos registros nos diários, em que os estudantes terão a oportunidade de expressar suas próprias interpretações, suas impressões e experiências de vida e de leitura, e assim possam crescer enquanto leitores e seres humanos.

CONCLUSÕES

Por fim, dentre as mais variadas ferramentas que o professor pode utilizar para contribuir com a formação do leitor de literatura, o diário de leituras pode ser bastante eficaz, pois, além de

servir para o desenvolvimento da escrita do estudante, estará principalmente promovendo uma reflexão e possibilitando que o mesmo expresse livremente sua interpretação pessoal do texto literário trabalhado em sala.

O momento da socialização de ideias, sentidos e experiências construídos por cada leitor, também contribuirá para a desmistificação da resposta “única”, que é dada pelo professor e vista como a única “válida”, desconsiderando experiência individual de cada leitor com o texto. Dessa forma, ao expressar-se por escrito e depois oralmente sobre a obra lida, o estudante estará tendo sua leitura, sua interpretação valorizada pelo professor e pelos colegas, fazendo jus a um dos pressupostos básicos do letramento literário na escola, que é experimentar a literatura em seu aspecto socializador.

REFERÊNCIAS

BUZZO, Marina Gonçalves. **O diário de leitura como artefato ou instrumento no trabalho docente.** Revista L@el em (Dis-)curso. Volume 2, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revlael/article/view/1041>>. Acesso em fevereiro de 2017.

CANDIDO, Antonio [1988] O direito à literatura. In: **Vários Escritos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R.; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina e ROSING, Tania M.K.(Orgs.).**Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p.61.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2015.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO, Anna Raquel. **Diários de leituras:** a construção de diferentes diálogos na sala de aula. Revista Eletrônica da USP, 2005. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37279/39999>>. Acesso em fevereiro de 2017.

MACHADO, Anna Raquel. **O diário de leituras**: introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Anna Raquel (org.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI Lilia Santos. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

SOARES, Magda. Ler, verbo intransitivo. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça. VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.29.

PERNAMBUCO. Parâmetros para educação básica do estado de Pernambuco: **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. Secretaria de Educação de Pernambuco, 2012.